

Os Enjeitados

Espalhados por toda a Europa, os ciganos tentam escapar da perseguição e da miséria

O poeta francês Charles Baudelaire se referia a eles como uma “tribo profética com olhar ardente”. O ciganismo romântico, eternizado em personagens sedutores como Carmen, da ópera de Georges Bizet, é coisa do passado. A realidade desse povo se aproxima mais do drama vivido por minorias excluídas, sem pátria e sem vítima. Especialmente na Europa, onde vivem mais de 85% dos 10 milhões de ciganos do mundo, a vida se resume a pedir esmola, apanhar da polícia e esperar por um ataque de skinheads, aqueles baderneiros de cabeça raspada e idéias fascistóides. A situação mais crítica é na Europa Oriental, que abriga quase três quartos da população cigana do continente.



A transição do comunismo para a democracia com economia de mercado evidenciou um fenômeno que ficava meio escondido nos países que viviam sob sistemas totalitários. Com o maior grau de liberdade, emergiu com mais nitidez a discriminação contra os ciganos. “Aqui, são muito comuns a violência policial e os ataques com motivação racial”, afirmou Claude Cahn, diretor do Centro de Direitos do Cigano Europeu, da Hungria.



A situação desfavorável está provocando uma nova onda migratória que leva ciganos dos países Leste Europeu a procurar asilo político no lado rico do continente. Mas são mal recebidos na Europa Ocidental, sob a alegação de que fogem por razões econômicas e não políticas. Na realidade, tentam escapar da miséria e da discriminação. O ex-primeiro-ministro da Eslováquia Vladimir Mecias os chamava de “retardados”. Metade das crianças ciganas do país freqüenta escolas especiais para deficientes mentais. Em novembro, o prefeito da cidade de Usti, na República Checa, mandou cercar com um muro dois blocos de um conjunto habitacional de ciganos, alegando que seus moradores faziam muita sujeira e muito barulho. Uma pessoa revelou que 39% dos checos julgam necessário o uso da força para contê-los. Diante a perseguição, 20% da população cigana checa já deixou o país.

Milhares de famílias também fazem fila para deixar a Romênia, país com 2,5 milhões de ciganos, a maior concentração mundial. Lá, a violência contra eles corre por conta da própria polícia. Prisões arbitrárias, espancamentos e extorsões viraram rotina entre as comunidades ciganas no interior do país. Na vizinha Hungria, a polícia faz vista grossa para casos de assassinatos com motivação racial. Na Iugoslávia, para fugir da perseguição, muitos adotaram nomes muçulmanos e sobre nomes ortodoxos. “O medo da morte faz com que muitos neguem suas origens para as autoridades”, diz Cahn.

Diáspora - Os ciganos migraram da península indiana para a Europa há mais de 1.000 anos. Espalharam-se pelo continente europeu, mas não tiveram boa vida. Até meados do século XIX eram escravizados. Devido à imigração, deixaram de ser um povo homogêneo. A maior parte fala o romani, mas língua se dividiu em vários dialetos. Originalmente, os ciganos são nômades, mas a necessidade e o contato com outras culturas vêm provocando uma tendência a sedentarização. Eles não têm deus próprio, nem sacerdotes, nem cultos originais. Acreditam em duas formas espirituais contrapostas, uma do bem (Del) e outra do mal (Beng), crenças assimiladas do zoroastrismo, adquiridas na época em que atravessaram a Pérsia. As tradições também foram se diferenciando, mas alguns rituais, como o do casamento, permaneceram. Assim como em várias regiões da Índia, as meninas ciganas que vivem na Europa continuam se submetendo a casamentos arranjados pelos pais. Cultivando laços familiares fortíssimos, os ciganos colocam os filhos para ajudá-los a conseguir o sustento, em atividades como a esmola e a leitura de mãos. Ainda hoje, a mendicância é, ao lado do artesanato, sua principal fonte de renda.

Detestados e perseguidos pelos nazistas, os ciganos sofreram uma aniquilação sistemática durante a II Guerra Mundial. Calcula-se que o número de mortos chegue a 1 milhão. A maioria das vítimas nem sequer entrou em um campo de concentração, já que, para poupar os nazistas do trabalho com transporte e câmara de gás, autoridades cúmplices dos alemães no Leste Europeu se encarregavam de executá-las antes. Embora tenham tido o mesmo destino de 6 milhões de judeus do holocausto, os ciganos nunca foram alvo de desagravos ou receberam qualquer indenização de guerra. Em 1986, o romeno Elie Wiesel, ao receber o Prêmio Nobel da Paz, pediu perdão ao povo cigano por “nunca terem ouvido sua história”. A história cigana continua calada. Até hoje, os membros dessa etnia peculiar de “negros europeus”, como são chamados, forma uma espécie de nação fantasma no interior do mais civilizado continente do planeta.

Um povo, muitos países

Dos **10 milhões** de ciganos espalhados pelo mundo, **8,5 milhões** vivem na Europa

	Em % da população	Em números absolutos
Macedónia	13	260 000
Roménia	11	2 500 000
Bulgária	10	800 000
Eslováquia	9	500 000
Hungria	6	600 000
Iugoslávia	4	400 000
Albânia	4	130 000
Rep. Checa	3	300 000
Grécia	2	200 000
Bósnia	1,4	50 000
Croácia	1	40 000

Fonte: European Roma Rights Center

